



Ao reparar em mim, ficou assustado e parou de
mastigar seja o que fosse. Os seus olhos
começaram a encher-se de lágrimas, os lábios
encolheram e começaram a tremer

O MENINO DA PONTE AMARELA

"Entre a Solidariedade Clandestina
e a Invisibilidade dos Vulneráveis"

CLÁUDIO RAUL

" O MENINO
DA
PONTE AMARELA "

Cláudio Raul

Ficha técnica

Copyright © : Cláudio Raul

Título: O Menino da ponte Amarela.

Editora: J.E.Z

Design da capa : Cláudio Raul

ISBN: 978-989-36139-4-8

Dados do autor

WhatsApp: (+244) 952 024 377

Email : raulclaudio547@gmail.com

Facebook: Cláudio Raul

Instagram: Cláudioraul7

É expressamente proibida a reprodução parcial, ou integral deste material, seja por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou bancos de dados, sem a prévia autorização do autor.

É no momento de aflição que a humanidade, por vezes, se
revela mais verdadeira.

O emprego era novo e desta vez eu não podia

comportar-me mal. Já havia sido aceite recentemente e precisava mostrar trabalho, ser garçom nunca foi fácil; ter de lidar com o público era uma coisa difícil para mim, no entanto, tinha de seguir em frente, por mais que as dificuldades pudessem aumentar eu tinha que aguentar, afinal, o meu filho havia acabado de chegar ao mundo, e graças a Deus não terei que ficar com a mãe.. Depois do que ela havia feito, eu não tinha como fingir que estava tudo bem; Mas chega de lamentações...

Quando cheguei, fui apresentado ao gerente do restaurante, que não era nada uma pessoa fácil de lidar. O gerente era alguém que ficava a supervisionar a todo o momento, rigoroso e com um olhar frio, ninguém ousava passar-lhe mais do que duas palavras, a menos que fosse algo de extrema importância. Mas para mim estava tudo bem, eu não via mesmo o que conversar com ele, não tenho um comportamento que pudesse de alguma forma despertar um certo interesse dele em mim;

— Seja bem-vindo, — disse um dos funcionários enquanto eu passava em direção à cozinha. Quando dei

por conta, era o homem do caixa, que se chamava Domingos, parecia alguém bom, — obrigado, — respondi, acompanhado de um aceno de cabeça. Sem mais demora, entrei logo na cozinha, que estava muito agitada, os garçons saíam com imensos pedidos e acabavam se esbarrando na entrada da porta que dava acesso á cozinha e muita das vezes atrapalhavam-se uns aos outros, e isso era o verdadeiro motivo que deixava o gerente sempre de olho em tudo.

O restaurante do mercado do Candando era muito concorrido e tinha um fluxo de clientela impressionante. Era um entra e sai constante de pedidos, que mal se acreditava na procura. O que também havia despertado a minha atenção eram as chamas do fogão, que eram enormes, pareciam pequenas explosões sempre que o cozinheiro pousava a frigideira para fritar o que parecia carne. Aquilo, para mim, não fazia sentido, fritar ou assar daquela forma que diferença fazia? Os clientes nem faziam ideia, nem imaginavam, a menos que fossem alguém da cozinha mas, dificilmente, alguém que entenda dessas coisas vai comer em restaurantes, pelo menos eu não, e o meu amigo cozinheiro também dizia o mesmo, todos temos a mania de reparar na comida dos outros, confesso que, por vezes, também me sinto aborrecido

com isso. Enquanto me distraía nos pensamentos e na movimentação do pessoal, alguém surgiu por detrás e segurou-me no ombro:

— Eh, novato! — gritou ele. — Pega nessa bandeja e leva à mesa cinco! — Olhei, assustado, era o gerente, com um olhar fixo em mim. Aquilo meteu-me medo, logo no primeiro dia, e já tinha chamado a atenção dele. Peguei na bandeja e fui em frente, ao passar diante da porta, avistei a mesa e deposei o pedido. Era um casal de jovens, pareciam felizes, havia um presente embrulhado sobre a mesa e uma vela de aniversário, não dei muita importância.

— Vão querer mais alguma coisa? — perguntei de imediato, antes de me retirar...

— Não — disse a mulher, tentando despachar-me rapidamente com um sorriso entre os lábios, que parecia vir por causa do presente sobre a mesa. Ela era feia. O moço, bonito, mas o que ela tinha de especial, eu não sabia, nem fazia ideia, afinal, nessa vida cada um é livre de enxergar beleza onde não há. E, com certeza, o jovem era o tipo de pessoa que enxergava beleza no abismo. Inteligente, eu já sabia que ele não era — mas confesso

que tive ciúmes daquele momento deles, não suportava ter que lembrar que a mãe do meu filho havia me feito aquilo; nenhum homem merecia ter que passar por algo do gênero...

— Está bem — respondi por fim, e, fiz uma vénia cordial e decidi retirar-me. Senti-me envergonhado e ignorado... Na verdade, todo aquele local cheio de pessoas deixava-me enjoado. Apenas o trabalho era a única coisa que me interessava, sem ele, não poderia ter dinheiro nem sustentar o meu filho, foi então que comecei a caminhar em direção à cozinha, tinha um pedido para ir buscar, quando passou uma colega minha com uma bandeja de pratos, toda atrapalhada e sem me dizer nada... Olhei para ela à distância e ignorei, ficando parado, à espera que a sopa fosse servida para poder levá-la à mesa dezessete. O gerente aproximou-se de mim e disse-me:

— Vai perguntar àquele jovem que está sentado à mesa perto da janela o que é que ele vai querer!

Olhei para o jovem, mexendo no telemóvel, parecia alguém concentrado em alguma coisa, mas, sem questionar, apenas obedeci...

— Boa tarde, caríssimo — cumprimentei de imediato. — Vai querer alguma coisa?

— Não — disse ele.

— Está bem, sem problemas — respondi, afastando-me logo de seguida.

O gerente fez-me sinal com uma das mãos, chamando-me para que me aproximasse... Mal cheguei perto, perguntou logo:

— Então, o que é que ele vai querer?

— Disse que não vai querer nada — respondi com frieza e serenidade.

— Como assim?! — exclamou o gerente, visivelmente indignado.

Eu não fazia ideia do porquê daquela reação, mas optei por esperar que ele dissesse mais alguma coisa...

— Voltas lá e dizes-lhe que não pode ficar aqui sem pedir nada. É uma regra. Ninguém deve permanecer mais de cinco minutos sentado sem consumir. Caso não o faça, tem de abandonar o local. É regra da casa — insisti, com o tom de quem queria ser levado a sério. — Tudo bem

para ti? — acrescentou, com uma urgência visível no olhar.

Fiz que sim com a cabeça, sem levantar questões, mas ele percebeu que eu estava um pouco confuso com a situação, então decidiu esclarecer:

— O grande problema é que aqui aparece muita gente a aproveitar-se da Wi-Fi gratuita, marcam encontros, reuniões e sei lá mais o quê... e nem sequer fazem um único pedido. E nós não podemos ter mesas ocupadas o tempo todo com pessoas que não consomem, — não interessa se veio há cinco minutos ou dez, se não pediu nada, tens de pedir que se retire, concluiu ele.

— Está bem, chefe, compreendido — afirmei. Voltei para o jovem e convidei-o gentilmente para se retirar. Era a regra da casa, eu não gostava dessa regra, mas enquanto fazia parte do trabalho, não via motivo para me chatear. No entanto, com certeza, eu não gostaria de ser expulso de nenhum restaurante daquele modo, se acontecesse comigo, nunca mais voltaria ao mesmo sítio.

Passaram-se algumas horas e eu fui recolhendo

pratos e restos de comida das mesas para lavar e arrumar. Quando me preparava para levar tudo para a cozinha, á mesma colega que havia passado por mim há um tempo atrás aproximou-se e recebeu-me de forma estranha. Assustei-me, mas sem questionar entreguei-lhe tudo. Não fazia ideia do motivo, mas ela seguiu adiante sem dizer nada, peguei no meu telemóvel, que estava sem carga, e ia dirigir-me para o lado do frigorífico, que ficava atrás da porta, para o carregar, quando, de repente, ao passar por trás, vi alguém sentado, com a boca cheia de gordura. Ao reparar em mim, ficou assustado e parou de mastigar seja o que fosse. Os seus olhos começaram a encher-se de lágrimas, os lábios encolheram e começaram a tremer. Era uma criança descalça, de pele clara, com olhos castanhos que chamavam a atenção de qualquer pessoa. Estava sem camisa, apenas usava um calção encardido, cuja cor não se sabia se era preta ou cinzenta. Naquele momento, olhei à volta e anunciei:

— Temos um problema aqui, pessoal! — gritei logo de imediato.

Para minha surpresa, a colega que me tinha recebido os pratos apareceu rapidamente, em sussurros, fazendo um sinal para que eu me calasse.

Sem perceber, fiquei a olhar para ela.

— O gerente não pode saber — disse ela repentinamente.

— Como assim? — perguntei, confuso.

— Este é o Pakisi — falou ela, — apontando para o menino, cujas lágrimas já escorria silenciosamente. — Pelo simples facto de ter sido descoberto por mim...

— E tu vais estragar tudo — acrescentou, — nós o alimentamo-o — e ele está com medo de você, — voltou a dizer...

— Porquê? — perguntei de imediato.

— Ele acha que você é o chefe, o gerente, porque sabe que, se for descoberto, já não poderá ficar aqui e será expulso, tal como todos nós — concluiu ela.

— E como ele veio parar aqui? — voltei a questionar, — com os olhos ainda fixado no Pakisi.

— É uma criança em situação de rua. — Começou a explicar ela, todos nós aqui já o conhecemos e ele não tem o que comer. A sua mãe, infelizmente morreu, sentada com a cabeça encostada ao corrimão da ponte Amarela...

— Ponte amarela! , — exclamei rapidamente, — atrapalhando o raciocínio dela, afinal, eu não conhecia a ponte amarela... como alguém morre encostada com a cabeça no corrimão? Ainda mais sem ser visto? Enquanto questionava por dentro, — minha colega olhava-me com uma certa estranheza, afinal eu não conhecia a realidade da tal ponte. — Mas, ela morreu sem ser notada? Voltei a perguntar;

— Sim, — disse ela... — Onde permanecia durante o dia a pedir esmola, — fez uma pausa, olhando para o chão e em seguida, — continuou. — Tudo fazia parecer que estava apenas a dormir, como era de costume, com uma tigela em seu colo, onde algumas pessoas faziam questão de deixar ficar algumas moedas. Mas, afinal de conta já se encontra sem vida há bastante tempo. As pessoas passavam, apressadas nas suas correrias, e ignoravam-na, achando que era apenas um sono normal. Mas era o último sono dela, profundo, silencioso... Depois de muito tempo naquele estado, o seu filho Pakisi continuava a brincar em seu colo, inocente, pulando e sorrindo até que ela se desequilibrou e caiu de forma espontânea, o corpo duro, sem expressar qualquer reação. Foi nesse instante que todos perceberam: ela já não tinha vida. — concluiu a minha colega...

Fez-se um silêncio naquele momento depois de lhe ouvir atentamente..

Olhei para o menino, que me encarava assustado, como se eu fosse alguém que lhe pudesse fazer mal. Senti-me uma pessoa horrível naquele instante, não era o tipo de pessoa que eles pensavam que eu fosse, eu também tinha um filho que acabava de vir ao mundo, entretanto, não tinha como não ter que ficar assustado com o momento, mas agora tudo estava complicado. No meio de toda aquela situação, comecei a sentir um sentimento de empatia, sentia que tinha que fazer alguma coisa para mudar a história...

— Como posso ajudar? — perguntei de imediato.

A minha colega ficou espantada com a pergunta repentina e não conseguiu formular uma resposta no momento.

— É só não falares nada para o gerente — disse ela, depois de me observar por algum tempo, e logo continuou, — os restos de comida que fores recolhendo, vai separando, e as que estiverem em bom estado podes trazê-las aqui para o Pakisi comer...

— Restos! ? — exclamei, surpreendido. — Não pode ser uma comida digna ? — insisti.

— Se o gerente descobrir que estamos a tirar comida daqui para alimentar um menino de rua, imagina o que poderá acontecer — disse ela, de forma irónica.

— Tens razão — respondi. — Não posso arriscar perder este emprego, não novamente. Mesmo com boas intenções, se formos apanhados a tirar comida daqui, os riscos são reais. Pelo que todos dizem do gerente e pelo medo dos colegas, vê-se claramente de quem se trata... — Mas a situação era muito delicada e complicada para mim, que eu não conseguia ficar quieto e ver aquela situação...

— Mas não podemos oferecer uma comida um pouco mais digna? — voltei a questionar — Talvez um pouco da nossa própria comida aqui! — Insisti. Ele pode contrair uma contaminação directa por parte de alguns clientes que estejam doente ou ser infectado por um vírus por intermédio da saliva,— falei, — esse procedimento de recolha é errado,— concluí, olhando para ela, que me olhava atentamente, e logo depois decidiu responder;

— O que farias se visses uma pessoa a procurar o que comer no lixo? — perguntou ela de imediato,

voltando os olhos para mim. — Me diz— insistiu ela, com certeza essa pessoa estaria a comer uma provável comida em estado de decomposição, provavelmente misturada com urina, fezes e micróbios, onde os riscos de contaminação são de facto, reais e capazes de causar doenças graves á quem os consomem, até poderia levar-lhes a morte. E se fosse aquela pobre criança! — falou apontando para o Pakisi, que me encarava ainda um pouco assustado, — diz-me, o que farias? — insistiu.

Eu não soube o que responder depois de a ouvir, e de descobrir o seu acto de solidariedade clandestina para com o menino Pakisi. Ela tinha toda a razão, milhares de pessoas, nos últimos tempos, têm procurado comida no lixo, e quase nada fazemos perante esta situação. E eu estou aqui, a querer fazer alguma coisa... *Que hipocrisia da minha parte*, enquanto aceitava o meu fracasso sileciosamente, minha colega pegou em uma garrafa de água e estendeu para o Pakisi, e logo em seguida começou, interrompendo os meus pensamentos;

— Nós, funcionários, — comemos da parte servida aos clientes, mas com um controlo rígido e horários específicos, o que dificulta dar algo digno ao menino Pakisi — explicou a minha colega, franzindo as

sobrancelhas com um olhar fixo em mim, — Temos de dar o que está ao nosso alcance, não é? Perguntou-me... — com o mesmo sorriso que expressava uma certa ironia...

— Sim, é quase isso. Mil vezes restos com afeto do que o vazio da indiferença — disse, sentindo tristeza pela situação em que chegámos. Só a ideia de imaginar que ele se alimenta de restos não me convencia. Apesar de serem retirados cuidadosamente para evitar intoxicação, ainda assim, era preciso fazer algo mais...

— E onde é que ele dorme? — perguntei de imediato.

— *Na Ponte Amarela*, onde ficava com a mãe. Tem uma cabana improvisada, mas quando chega essa hora, ele vem aqui pela porta do fundo e nós o alimentamos.

Senti-me comovido em ouvir aquilo, e um sentimento de incapacidade apoderou-se de mim. Precisava urgentemente mudar o rumo de toda aquela situação. Foi então que, ao sair para recolher algumas restas, avistei um senhor branco sentado, a fumar um cigarro, à espera de sei lá o quê... Pelo tamanho do cigarro, dava para perceber que já estava ali há mais de cinco minutos, e não havia pedido nada na sua mesa, nem um

recibo que indicasse que tinha feito algum pedido. Decidi então aproximar-me levemente:

— Boa tarde, meu senhor, precisa de alguma coisa?

— Não — respondeu ele, de forma fria, sem sequer olhar para mim.

— Está bem, senhor — disse-lhe, retirando-me.

O gerente não estava por perto, e não gostei da forma como ele me tratou, não sei o que se passa com os clientes, primeiro a jovem de abucado, agora este senhor ! que me parecia um pessoa qualquer, mas parece que ultimamente ninguém quer ser incomodado, muita das vezes sinto que os clientes acham que devemos um certo favor á eles... mas, decide me retirar sem muitas questões...

Enquanto esperava os cinco minutos passarem para lhe pedir que se retirasse, fui recolhendo as restas para o nosso suposto hóspede inesperado, o menino Pakisi... Eu estava atrapalhado, confesso. Até ao momento, não havia motivo, mas quando sabes que estás a fazer algo ilegal, por mais virtuoso que seja, a sensação de estar a quebrar alguma regra pesa, e passas a sentir-te péssimo.

Comecei a tremer nos braços e o suor na testa escorria enquanto fazia a arrumação. Quando dei por mim, o gerente estava a olhar para mim com aqueles olhos frios, como se desconfiasse de algo. Isso aumentou ainda mais o meu nervosismo.

Comecei a recolher rapidamente os restos e a medida que o fazia, alguns iam caindo ao chão. Quando terminei, dirigi-me em direção a porta da cozinha e abri atrapalhadamente a bater, fazendo bastante barulho. Quando cheguei, acomodei o Pakisi, que sorriu com aqueles olhos bonitos. Naquele momento, o meu nervosismo acalmou; nada mais importava. Eu havia mudado a sua percepção, ele agora confiava em mim e sabia que eu não era uma pessoa má.

Depois de algum tempo a observá-lo comer, a minha colega aproximou-se por trás de mim, sorrindo: — Belo trabalho — disse, batendo-me num dos ombros.

Apenas sorri, olhando para o menino, mas a minha mente dizia-me que havia esquecido algo importante... Tentei ficar em silêncio o máximo possível para me lembrar e, pronto, já me recordava... Era o homem branco. Infelizmente, tinha de pedir para que ele se retirasse, pois

não havia feito nenhum pedido. Decidi então ir ter com ele e comecei por abordar com um tom leve:

— Com licença, senhor, até ao momento o senhor não fez nenhum pedido. São regras da casa, por isso, infelizmente, tenho que convidá-lo a retirar-se.

No momento em que ele olhou para mim para responder, fixou os olhos no meu crachá para ver o meu nome, e logo depois disse;

— As pessoas já não podem ficar uns cinco minutos para poderem colocar os pensamentos em ordem e respirar um pouco de ar? — perguntou-me o senhor, de um jeito que algumas pessoas notaram o assunto daquela situação...

Fiquem sem saber o que responder naquele momento...

O gerente gritou por mim! O grito foi tão alto que me assustei. Quando olhei para cima, ele fez-me um sinal para que subisse.

Concordei simplesmente e deixei o homem branco.

— O que é que estás a fazer, homem? — perguntou

ele.

— Apenas a fazer o que o chefe recomendou — respondi.

O gerente começou a andar de um lado para o outro, parecia furioso, mas eu não entendia o que de mal havia feito, estava apenas a seguir as regras, que, pensei, valiam para todos.

— O que aconteceu, chefe? — perguntei de imediato.

— Porque foste importunar aquele senhor? — perguntou ele.

— Como assim, chefe? Eu apenas fiz o que me disseste para fazer, tal como da última vez com o jovem, que era controlar os clientes que se sentam por cerca de cinco minutos sem pedir nada...

— Essa regra não vale para todos. Não vês que aquele senhor não parece ser uma pessoa qualquer,— falou ele, — pessoas como ele devem permanecer, trazem uma outra imagem ao restaurante — concluiu.

Ouvir aquilo foi para mim uma confirmação da política do restaurante. Rapidamente percebi do que se

tratava realmente. Procurei não questionar mais e deixar as coisas como estavam, acenei ligeiramente com a cabeça e decidi retirar-me. Precisava ver o sorriso do Pakisi fazia-me lembrar o meu filho recém nascido... Afinal, *Se existe algo de verdadeiro neste mundo, com certeza são os sorrisos das crianças e o brilho em seus olhos.*"

Ao entrar para á cozinha, fui direto para trás do frigorífico e fiquei lá a observar o menino, quando de repente uma voz surgiu atras de mim!..

— O que está a acontecer aqui? !... Ao olhar para trás, vi que era o gerente... Havia me seguido por causa do meu comportamento de abucado...

Não conseguia acreditar que tinha sido apanhado, logo eu. E, para piorar, o Pakisi estava a comer num prato limpo, com garfo, restos que não pareciam restos para quem não sabia. Não havia como contestar ou dizer alguma coisa, só restava aceitar a situação. Alguém precisava ser responsabilizado por aquilo... "*Vou perder o emprego*", era o único pensamento que me acompanhava por dentro, "mas não levarei ninguém comigo. Mais uma

vez, ficarei na rua, sem conseguir sustentar o meu filho...” Naquele momento de agonia, com tantos pensamentos, comecei a ouvir o choro do menino. As lágrimas começaram a cair, os meus braços a tremer. Olhei para o gerente, que ficou parado a observar a situação.

— Quem é o menino? — perguntou ele.

— É uma criança de rua — respondi — da ponte amarela...

— No teu primeiro dia já estás a tirar comida daqui para alimentar um suposto mendigo? — disse ele.

Ficámos em silêncio, sem respostas. Precisava proteger os demais envolvidos. Olhei para a minha colega, que me tinha apresentado o Pakisi, e para os restos deixados pelos colegas, que estavam tristes e de cabeça baixa... Então, de repente reunindo forças, — respondi;

— Infelizmente, sim, chefe. Conheci a história dele, vi-o na ponte amarela e decidi dar-lhe uma refeição aqui.

— Foi você quem decidiu dar comida ao Pakisi? — Voltou a perguntar o gerente com ironia, e revelando logo que sabia o nome do menino...

Aquilo surpreendeu-nos a todos...

O pakisi começou a limpar as lágrimas com a suas mãos, logo depois de ver o seu nome sendo pronunciado pela pessoa que ele sabia que todos nós temíamos, o olhar de surpresa era notório em nossos rostos. Com um pouco de coragem que me restava voltei a perguntar;

— Como assim, chefe? Conhece-o?

— E quem aqui não o conhece!... — Respondeu o chefe e em seguida continuou, todos no restaurante e os que passam pela ponte amarela conhecem o dia a dia dele sempre alegre e sorridente quando ainda vivia com a mãe, que mais tarde faleceu, um miúdo lindo, com olhos de gato, feliz e cheio de energia, que andava de um lado para o outro. Mesmo antes da mãe falecer, encantava toda a gente com aquele sorriso bonito, — disse, — fazendo uma pausa olhando para o prato em que o Pakisi se alimentava, mas logo depois continuou baixando um pouquinho mais a sua voz... *Mas, não sabia que vocês o alimentavam aqui* — Concluiu, com sorriso leve entre os lábios...

Naquele momento ouviu-se um silêncio Logo

depois, olhei para a minha colega, cujas as lágrimas caim como se fossem gotas de chuvas silenciosas, e todos nós começámos a sorrir, felizes...

Nota do Autor

Esta é uma obra de ficção, inspirada em factos reais.

GLOSSÁRIO

Pakisi — Nome que se dá a uma criança que nasce órfão de pai e depois, a mãe, sem meios para a sustentar, abandona-a e ela é recolhida por alguém que a encontre.

Ponte Amarela é uma passarela pedonal icônica localizada em Viana, município de Luanda, (Angola). Com uma estrutura impressionante e cor vibrante, a ponte oferece uma vista panorâmica da região. No entanto, nos últimos tempos, a presença de vendedores e pessoas em situação de rua, propriamente crianças pedindo esmolas, tem atrapalhado o fluxo das pessoas que lá circulam."

Candando é uma marca angolana de distribuição moderna que visa melhorar a qualidade de vida das famílias angolanas. Com 3 hipermercados em Morro Bento, Talatona e Viana, e 2 supermercados no centro de Luanda (Largo das Ingombotas e Avenida Comandante Valódia), oferece produtos nacionais de alta qualidade e frescura, combinando a autenticidade dos mercados tradicionais com a sofisticação moderna."



Sobre o Autor

Cláudio Raul da Costa Lourenço é um jovem angolano, nascido em Luanda, a 22 de Outubro de 1996. Concluiu o ensino médio em Educação, com especialização em Ensino Primário, na Escola Dom Bosco. Possui formação em Editoração, Diagramação e Capista pela Universidade Metodista de Angola. Atualmente, é estudante universitário, além de atuar como ativista social em colaboração com a ONG Angola_Hungle_Relief.

Diletante e entusiasta das artes e da literatura, Cláudio é colunista do blogue brasileiro “Choque Cultural Buíque” há mais de três anos, onde mantém o espaço "Escritas Inquietas", dedicado à análise de obras literárias por vezes consideradas impuras. Inspirado por Kafka, acredita que todos podem viver emoções profundas através de livros densos. As suas histórias, publicadas em diversas plataformas, são marcadas por um forte humanismo e foco nos mais vulneráveis e marginalizados. A sua escrita sincera e crítica expõe a desigualdade social, o peso das instituições opressoras e a indiferença do sistema. Com uma voz introspectiva e empática, Cláudio denuncia, acolhe e emociona guiado sempre por uma consciência social firme e um olhar atento à dor alheia.

Nos momentos livres, dedica-se à leitura, à escrita, e encontra inspiração em rock, séries, filmes e animes, que alimentam a sua criatividade.

